

Que efeitos linguageiros atravessam um corpo criança? Inspirações da filosofia deleuziana na pesquisa em educação e as múltiplas linguagens da infância

What linguistic effects run through a child's body? the influence of Deleuzian philosophy in research on education and childhood multiliteracies.

¿Qué efectos lenguajeros atraviesan a un cuerpo-niño? inspiraciones de la filosofía deleuziana en la investigación en educación y los múltiples lenguajes de la infancia.

Bianca Pereira Carvalho¹

Larissa Ferreira Rodrigues Gomes²

Resumo: Relaciona linhas errantes de inspiração deleuziana às múltiplas linguagens das crianças. Articula ações cartográficas de pesquisas desenvolvidas em duas unidades de Educação Infantil pública do Espírito Santo. Mobiliza imagens para problematizar, por meio dos signos artísticos, que efeitos linguageiros atravessam um corpo-criança? Apresenta fragmentos da exposição “Natureza Crianciceira” e registros cotidianos com bebês, destacando a infância enquanto um estrato vital, entregue à multiplicidade de aprendizados e experiências. Ressalta a força afirmativa das crianças nos exercícios de si e do mundo e nos modos pelos quais expressam seus desejos e subvertem a ordem do estabelecido. Considera que crianças já são o povo que falta!

Palavras-chave: Múltiplas linguagens; Crianças; Deleuze.

Abstract: Correlates wandering lines of thought that follows Deleuzian philosophy to children multiliteracies. Articulates cartographic actions of research developed at two public Early Childhood Education units in Espírito Santo. Mobilize images to problematize, through artistic signs, what linguistic effects go through a child's body? Presents fragments of the exhibition “Natureza Crianciceira” (or “Childlike Nature”) and daily records with babies, which highlights childhood as a vital stratum, given over to the multiplicity of learning and experiences. Highlights children's affirmative power in self- and world exercises and in the ways in which they express their desires and subvert the established order. Consider that children already are the people we lack!

Keywords: Multiliteracies; Children; Deleuze.

Resumen: Relaciona líneas errantes de inspiración deleuziana a los múltiples lenguajes de niños. Articula acciones cartográficas de investigaciones desarrolladas en dos unidades de Educación Infantil públicas de Espírito Santo. Mobiliza imágenes para problematizar, por medio de los signos artísticos, ¿qué efectos lenguajeros atraviesan a un cuerpo-niño? Presenta fragmentos de la exposición “Naturaleza Niñera” y registros cotidianos con bebés, destacando la infancia mientras un estrato vital, entregado a la multiplicidad de aprendizajes y experiencias. Resalta la fuerza afirmativa de los niños en los ejercicios de sí y del mundo y en los modos por los cuales expresan sus deseos y subvienten el orden establecido. ¡Considera que los niños son la gente que falta!

Palabras clave: Múltiples lenguajes; Niños; Deleuze.

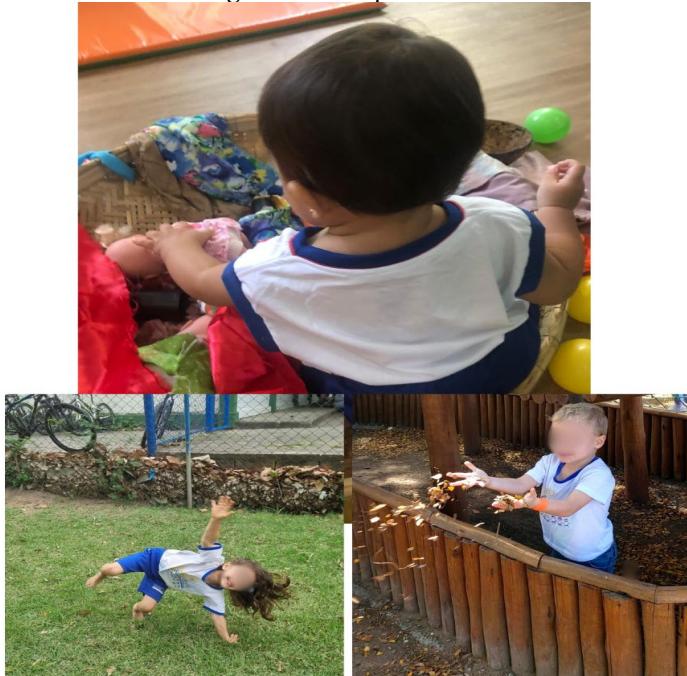
¹ Universidade Federal do Espírito Santo

² Universidade Federal do Espírito Santo.

O corpo infantil ecoa a arte e grita por liberdade

A arte é a linguagem das sensações, que faz entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras. À arte não tem opinião. À arte desfaz a tríplice organização das percepções, afecções e opiniões, que substitui por um monumento composto de percepções, de afectos e de blocos de sensações que fazem as vezes de linguagem.
Deleuze; Guattari, 1992, p. 228.

Figura 1: O corpo é arte



Fonte: Elaboração própria

Assim como Deleuze e Guattari (1992) compreendemos que a arte não é limitada a algo ou alguma coisa, e precisa ser concebida por novas sensações, percepções e afecções. Como linguagem das sensações, a arte nos permite fissurar as expressões do corpo-criança e os efeitos lingüageiros que o atravessam.

O artigo é um desdobramento da pesquisa “Imagens educativas em transição na Educação Básica: cartografias dos processos de subjetivação com as infâncias, adolescências e juventude do Espírito Santo”, realizada em 2024³.

Faz parte da articulação de ações cartográficas desenvolvidas em duas unidades públicas de Educação Infantil no estado do Espírito Santo. Por meio de linhas errantes de inspirações deleuzianas e as múltiplas linguagens das crianças conectando por meio de virtualidades, uma

³ Pesquisa cadastrada na PRPPG/Ufes com número 12917/2024, coordenado pela professora Dra. Larissa Ferreira Rodrigues Gomes.

multiplicidade contínua de transformação alinhado ao devir enquanto forma de criação, metamorfose e produção da diferença.

A partir dos filósofos Deleuze e Guattari (2012) em sua obra *Mil platôs* volume 4, compreendemos que o devir é multiplicidade:

[...] todos os devires já são moleculares. E que devir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele. Tampouco é proporcionar relações formais. Nenhuma dessas duas figuras de analogia convém ao devir, nem a imitação de um sujeito, nem a proporcionalidade de uma forma. Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extraír partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo (Deleuze; Guattari, 2012, p. 67).

Processo esse que as essas crianças expressam ao explorar e viver a liberdade no tempo/espaço dos centros de Educação Infantil. Através das linhas errantes propostas por Deleuze e Guattari (2011), as crianças rompem com as normas, modelos fixos e linhas costumeiras, que querem moldar esses desejos, abrindo possibilidades de exploração, criação e transformação, onde a imprevisibilidade e singularidade delas são integrantes da imanência. E a linguagem pode ser vivenciada em sua multiplicidade.

O texto mobiliza imagens para problematizar, por meio dos signos artísticos, que efeitos linguageiros atravessam um corpo-criança? Apresenta fragmentos da exposição “Natureza Crianceira” e registros cotidianos com bebês, destacando a infância enquanto um estrato vital, entregue à multiplicidade de aprendizados e experiências.

Utiliza a cartografia enquanto metodologia para pesquisa com os intercessores teóricos de Deleuze e Guattari (2011, p. 30) uma vez que compreendemos que o mapa “[...] não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos[...]”. É o desenho desse mesmo mapa que interessa-nos cartografar. Um mapa que seja “[...] aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente [...]” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 30). Assim, seguimos cartografando linhas intensivas de forças que evidenciam nas crianças uma vida imanente permeada por pura potência, mesmo diante dos desafios e fragilidades inerentes à fase inicial da existência (Deleuze, 2002).

Recorremos às contribuições dos filósofos Deleuze e Guattari (2011), trazendo a força subversiva presente na infância e na imanência das crianças, que desafia a visão que as reduz

como seres incompletos. Para tanto, os conceitos de rizoma, desterritorialização e corpo sem órgãos auxiliam na compreensão sobre o ser imanente que é a criança.

Dessa forma, no decorrer deste artigo ressaltamos a força afirmativa das crianças nos exercícios de si e do mundo e nos modos pelos quais expressam seus desejos e subvertem a ordem do estabelecido por meio de seus efeitos languageiros. O convite aqui tecido é pela ruptura com a narrativa hegemônica de “falta” ou de projeção futura. Uma vez que consideramos que as crianças já são o povo que falta!

Cartografias infantis e linhas errantes e múltiplas linguagens

Com Deleuze e Guattari (2011) é possível compor outros sentidos para as enunciações de uma pesquisa. Sentidos que ultrapassam qualquer conotação de mera individualidade do pesquisador, pois adquire velocidade, intensidade e significações outras quando pactuada pelos princípios de multiplicidade, de coletividade e abertura rizomática.

Com “*e... e*” afirma-se uma conexão sem hierarquias, compondo uma relação de simultaneidade e interdependência, sendo importante afirmar que não intencionamos uma abordagem clichê ou romantizada acerca das múltiplas linguagens das crianças para a potência infantil, mas considerá-las em seu imbricamento com o mundo social, cultural, político e econômico em que estão inseridas e fazendo parte. O “*e... e*” enquanto apostila rizomática de se constituir a si e o mundo, permite que as ideias se conectem de forma horizontal e não linear, convida a pensar em multiplicidades, ou seja, em entidades que não são fixas e homogêneas, mas sim compostas por uma infinidade de elementos em constante transformação, em movência desterritorializadora, ou seja, a criação de novas conexões e a abertura para novas possibilidades.

As enunciações de pesquisas evocadas nesses escritos visam à horizontalidade das relações, à multiplicidade de efeitos do pensamento e do exercício da vida, associam-se ainda ao conceito de linhas errantes ou, como por muitos conhecidos, linhas de fugas “[...] como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 18). Fissuras que as crianças traçam diariamente nos cotidianos na Educação Infantil.

O agenciamento das linhas errantes, permite a acompanhar o curso da experiência, a latência da subjetividade em vias de efetuar-se, de modificar-se, de produzir modos de

existências. O curso da experiência infantil, a errância de seus desenhos e as subversões criadas diante de currículos muitas vezes enrijecidos que, tentam a todo custo, moldar esses corpos. Por meio de criatividade, invenção e experimentação essas crianças criam, ampliam, subvertem a ordem e buscam outros modos de ser e estar no mundo.

Assim a experiência linguageira infantil se constitui como um rizoma, que “[...] não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’ [...]” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 48). Conjunção que revela o pulsar da vida em movimento dessas crianças que criam, inventam e dão novos sentidos às coisas e ao lugar. Desse modo desenham-se em linhas errantes, construindo a si mesmas e ao mundo ao seu redor, deixando fluir a força imanente que de uma criança.

Ao cartografar as infâncias como um rizoma, um território em constante devir, sem hierarquias ou pontos fixos, encontramos sua condição nômade, em que “[...] a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização” (Deleuze; Guattari, 2000, p. 44). Percorrendo caminhos imprevisíveis, abrindo possibilidades para construção e ampliação de suas subjetividades e singularidades.

O pulsar dessas crianças reverbera em alegria e descoberta, nas brincadeiras, explorações e experiências em curso a cada investida infantil. Através de gestos, criações, invenções e pensamentos, rompem com o previsto, nomadizam o território do instituído e reinventam sentidos diferenciados à educação.

Acompanhando os fluxos e desejos dessas crianças, cartografamos seus movimentos e exploração em diferentes momentos, nas duas instituições de Educação Infantil, realizando registros fotográficos, com a intencionalidade de percorrer cada movimento singular do corpo criança, sua relação com outros e o mundo, buscando capturar as multiplicidades de expressões desses infantis.

Os signos artísticos funcionam como pistas, ajudando a decifrar os efeitos linguageiros que atravessam o corpo-criança em suas criações, invenções e registros cotidianos. Deleuze (2003), em “Proust e os signos”, amplia nossa compreensão com relação a este signo:

A arte possui um privilégio absoluto, que se exprime de várias maneiras. Na arte, a matéria se torna espiritualizada e os meios desmaterializados. A obra de arte é, pois, um mundo de signos que são imateriais e nada têm de opaco, pelo menos para o olho ou ouvido artistas. Em segundo lugar, o sentido desses

signos é uma essência que se afirma em toda a sua potência. Em terceiro lugar, o signo e o sentido, a essência e a matéria transmutada se confundem ou se unem numa adequação perfeita. Identidade de um signo como estilo e de um sentido como essência: esta é a característica da obra de arte. Sem dúvida, a própria arte é sempre objeto de um aprendizado, em que passamos pela tentação objetivista e pela compensação subjetiva, como em qualquer outro campo. Mas a revelação da essência (além do objeto e além do próprio sujeito) só pertence ao domínio da arte: se tiver de realizar-se, é nele que se realizará. Daí por que a arte é a finalidade do mundo, o destino inconsciente do aprendiz (Deleuze, 2003, p.47-48)

Corrobora para o entendimento de que a arte não é apenas uma forma de expressão, consequentemente, a arte ultrapassa a linguagem verbal, manifestando-se por meio de múltiplas linguagens que atravessam o corpo-criança, sejam elas a linguagem corporal, visual, sonora, entre tantas outras maneiras do pensamento se exprimir. Signos que são manifestados através da contação de histórias, danças, músicas, pinturas, desenhos, na modelagem de argila, no contato com a terra, ao explorar elementos da natureza entre outros. Essas linguagens atravessadas pelos signos artísticos nos permitem desvendar os efeitos lingüísticos que se expressam no corpo infantil.

O pulsar brincante de um mundo em movimento

As crianças em sua imanência pulsam pelo desejo de brincar ao ar livre, explorar diferentes espaços, objetos e lugares. Iniciamos nossas enunciações tensionados pelas escolhas pedagógicas das docentes de evocar junto das crianças a exploração de diferentes contextos de maneira livre e feliz, podendo manifestar suas curiosidades, anseios e expressar os efeitos lingüísticos do pensamento em distintos espaços-tempos da Educação Infantil.

Para além do espaço da sala de aula, as docentes compreendem a necessidade dessas práticas educativas serem realizadas em outros contextos. Onde as crianças tivessem a oportunidade de desenhar novos territórios aprendentes, por meio de vários ambientes, não as limitando apenas ao uso de canetas e papeis, mas permitindo que interajam com o mundo de forma livre e criativa.

Nessas territorializações utilizaram materiais diversificados como: terra, panelas, argila, coco, folhas, caixas de papelão entre outros. Essa gama de objetos e possibilidades estimulou as vivências e a experimentação, ampliadas e criadas a partir de seus próprios desejos e percepções, construindo seus próprios mapas de intensidade, a partir do olhar e do acompanhamento atento, sensível e das provocações realizadas pelas professoras.

Deleuze nos ajuda na compreensão sobre esses mapas que “[...] considera as conexões maquinicas de ordem molecular, sua repartição em mapas de intensidade sobre a molécula gigante do corpo sem órgãos, e as acumulações estatísticas que formam e selecionam os grandes conjuntos (Deleuze; Guattari, 2010, p. 382). Que operam como uma abertura, uma linha de fuga que rompe com a normativa imposta e se entrelaça ao devir.

Devir-arte, presente nas expressões e criações das crianças, revelando os efeitos da linguagem que atravessam seus corpos. Deleuze (1997) nos ajuda a ampliar o nosso olhar sobre o que é a linguagem, uma vez que ela não se limita à fala, mas engloba todas as formas de expressão do pensamento.

A exposição fotográfica “Natureza Crianceira”, é o primeiro elemento convocado por esses escritos. Idealizada por três docentes, a exposição teve o intuito de documentar as experiências de crianças de 4 e 5 anos em contato com a natureza durante atividades pedagógicas. O objetivo das mesmas com a proposta foi fomentar o desenvolvimento da sensibilidade das crianças para com o meio natural, promovendo uma relação de pertencimento, respeito e de composição.

Figura 2: Segredos crianceiros



Segredos crianceiros que só os pátios sabem...

Fonte: Elaboração própria

As imagens da exposição evidenciam alguns efeitos linguageiros que atravessam o corpo-criança, que expressam e traduzem seus sentimentos e descobertas, nas cores, movimentos, ritmos, formas, texturas vistas e sentidas na natureza, no contato com diferentes

paisagens, flores, árvores, frutas, animais entre uma gama de possibilidades existentes, dentro e fora do território de Educação Infantil.

Os processos de criação aliados à exposição estão articulados entre os signos artísticos e efeitos linguageiros construindo e proporcionando uma narrativa múltipla sobre a relação das crianças com a natureza, brincadeiras e experiências de aprendizagens vivenciadas cotidianamente ao ar livre. A partir de Gomes, Pereira e Carvalho (2024), podemos ampliar o nosso olhar para essa relação uma vez que as autoras abordam que:

Pensar em questões como estas se faz pertinente para que seja possível devolver às infâncias e às docências o direito de colocar o coração no ritmo da terra. Talvez uma alternativa seja o que propõe Krenak, uma mudança epistemológica, uma mudança que, para o autor, exige um esforço de reflorestar o imaginário (quem sabe não aprendemos com as crianças?), para que, talvez, possamos nos reaproximar da poética da vida, selvagem, desejante, natural (Gomes; Pereira; Carvalho, 2024, p. 142).

Assim como os segredos crianceiros que só os pátios sabem, diante desses signos artísticos das fotografias, tentando desvendar por meio dos registros capturados, os momentos espontâneos de interação e socialização entre as crianças. Que tiveram a oportunidade diante dessas atividades pedagógicas de colocar “o coração no ritmo da terra” como diz Krenak (2022).

Figura 3: Brincar

Colocando o coração no ritmo da terra ...



Fonte: Elaboração própria

A cada movimento, uma nova possibilidade de descoberta, brincadeiras como: hospital, comidinhas, plantações, invenções entre outras foram sendo criadas e vivenciadas. Muitas foram as invencionices criadas pelas crianças, que se sentiam livres para compor-se em meio às múltiplas linguagens.

Em suas aprendências com natureza, cada brincadeira é uma nova descoberta e exploração, assim, as crianças foram explorando cada canto daquele espaço. Cercado por árvores, animais, frutas e terra, essas experiências ficam cada vez mais interessantes e despertam o instinto investigativo de cada criança.

Onde a mania higienista adultocêntrica fazia do monte de folhas, lixo, a criança desterritorializa, encontra possibilidades brincantes em seu novo território existencial com a natureza. Cercado por folhas, a criança explora cada elemento, seu olhar atento e curioso chama atenção, em meio a essas folhas que ele joga para cima, brinca, sorri, cria novas brincadeiras e dá novos sentidos, que só a imaginação e o olhar de uma criança pode enxergar. Compreendemos que “toda cultura de se guiar, todas as noções de espacialidade, geografia, habitação, alimentação, festejos e ritos, todo o viver do mundo e todos os instrumentos e técnicas, os gestos e linguagens corporais têm suas bases na natureza” (Piorski, 2018, p. 31 *apud* Gomes; Passos; Feitosa, 2022, p. 9). E são essas bases que seguem enraizadas nas práticas educativas com essas crianças que muitas vezes vivem em espaços cimentados que não lhes dão o direito de afetar-se pela experiência de viver, correr, investigar e experienciar novas ações ao ar livre.

Figura 4: Desemparedar



Fonte: Elaboração própria

As unidades de Educação Infantil por vezes são o único espaço que essas crianças têm para ser livres, colocar o pé na areia, correr, pegar folhas, flores, frutos, brincar com a terra. Afetando e sendo afetado a cada nova descoberta e experiência.

Desemparedar o vivente é uma maneira de garantir que as crianças conheçam e criem novos territórios para além dos muros de suas residências e da escola, lhes proporcionando múltiplas formas de expressão e de vida, percebendo que existe todo um universo de possibilidades para criação, invenção, vivências e experimentações.

Nessas vivências as crianças visitaram e pesquisaram o manguezal da Universidade Federal do Espírito Santo, que tinha nas proximidades da escola, foram a pontos turísticos, como o “Convento da Penha”, valorizando a cultura regional, correram livres pelos pátios verdes e brincantes no entorno da escola e tiveram um dia de banho de mangueira, onde se esbaldaram nas gramas e lamas que por eles foram criadas.

Percebemos em cada gesto, movimento, sorrisos e nas trocas de olhares a felicidade na realização dessas propostas. Que estão para além da linguagem verbal, mas explorando as diversas linguagens das crianças. Linguagens que não podem ser limitadas, pois são múltiplas, em sentidos e possibilidades uma vez que “[...] não há linha reta, nem nas coisas nem na linguagem” (Deleuze, 1997, p. 12). Existem linhas errantes de experiências e experimentações, onde as crianças são livres para vivenciar novas fabulações.

Corpos em devir: fabulação, expressão e exploração dos bebês

Assim como no primeiro Centro de Educação Infantil, as professoras que realizam sua docência com os bebês, viram que eles se movem pelo desejo de exploração de mais espaços, subvertendo a ordem e a previsibilidade imposta.

Os registros cotidianos com os bebês mostram a amplitude e riqueza de possibilidades, presentes em diversas manifestações linguageiras, que se expressam de diferentes formas e movimentos exploratórios, uma vez que eles “[...] não transgridem, pois eles não atuam na direção de desmontar um modelo; eles não “conversam” com os modelos, seus movimentos ignoram as regras sociais e se orientam pelo “agir”” (Tebet; Abramowicz, 2021, p. 380). Sua exploração é um ato livre impulsionado pelo desejo, afetos e pela experiência.

Figura 5: Experiência

A infância como experiência...

Fonte: Elaboração própria

A cada imagem apresentada dos/com os bebês percebemos essa força imanente e o desejo de vivenciar novas experiências. A cada objeto manuseado são dados novos sentidos, ampliando a todo momento sua subjetividade.

Utilizando o corpo como forma de expressão, os bebês movimentam, criam ritmos e melodias próprias, expressando emoções e sentimentos por meio da linguagem corporal, sonora e motora. Na figura 5: intitulada de experiência, observamos diferentes formas de enunciação desses bebês.

Uma bebê muito curiosa, seguia o fluxo de seu desejo. Diante de todo um contexto investigativo montado ao ar livre, com bacias, folhas, instrumentos musicais, bonecos entre outros, sua atenção foi capturada pelo quadro com escritas com a temática da proposta a ser realizada.

Ela parou e observou atentamente o espaço, engatinhando se dirigiu ao elemento, apoiando-se até conseguir passar as suas mãozinhas nas escritas do grande quadro com grafismos de giz. Passou as mãos para lá e pra cá, olhou que elas estavam sujas, passou no corpo, franziu a testa expressando aquele momento curioso de exploração, se virou e iniciou uma nova territorialização com outros elementos.

Nesses agenciamentos e movimentos, explora o território de maneira não-linear, mas se conectando a um plano de consistência das multiplicidades, onde a experiência constrói seu próprio percurso. Com Deleuze podemos pensar na experiência como um:

[...] ‘plano’ seja de dimensões crescentes segundo o número de conexões que se estabelecem nele. As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectar às outras. O plano de consistência (grade) é o fora de todas as multiplicidades. A linha de fuga marca, ao mesmo tempo: a realidade de um número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche efetivamente; a impossibilidade de toda dimensão suplementar, sem que a multiplicidade se transforme segundo esta linha; a possibilidade e a necessidade de achar todas estas multiplicidades sobre um mesmo plano de consistência ou de exterioridade, sejam quais forem suas dimensões (Deleuze; Guattari, 2011, p.25).

As conexões foram se expandindo e transformando a cada nova exploração realizada pela bebê que construiu a partir das suas explorações um mapa único de expressão e compreensão do mundo ao seu redor, onde cada gesto e enunciações linguageiras ampliam suas possibilidades de interação e compreensão.

Outro bebê se viu maravilhado com a possibilidade de colocar os pés na terra, sentou-se próximo a bacia e jogava terra pouco a pouco ali dentro, quando achou que era o bastante colocou folhinhas encontradas no quintal por cima da terra.

Criando seu próprio ritornelo, ao manipular a terra e as folhas em um ritmo próprio. Ao mesmo tempo que territorializa, ele desterritorializa, criando fluxos e movimentos em devir. “Num sentido geral, chamamos de ritornelo todo conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais (há ritornelos motores, gestuais, ópticos etc.)” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 115). São esses ritornelos que refletem a força imanente deste bebê em sua territorialização.

Dando continuidade aos fluxos e intensidades das experiências vivenciadas pelos bebês e expressas através de múltiplas linguagens e movimentos linguageiros, observamos a interação e manipulação de outra bebê, na proposta realizada com caixas de papelão.

Ela estava maravilhada com as caixas que ali estavam expostas, arrastava para lá e para cá, entrou, colocou na cabeça e subiu por cima dela, foi um momento que perdurou por um longo período.

Criando um território próprio com as caixas que acabaram se tornando a extensão de seu corpo, permitindo movimentos e desdobramentos inesperados naquela experiência, mas que afetaram não apenas a si mas todos ao seu redor, que ouviam suas gargalhadas, balbucios e diversas expressões.

Assim como demais bebês em diferentes territórios investigativos, outro corpo-bebê ficou encantado com o espaço estético montado para a exploração. Chegando ao espaço, ele tocou os instrumentos musicais, foi engatinhando em direção ao quadro, no meio do caminho

encontrou um coco enorme que logo resolveu levar até a boca, fez uma careta e colocou novamente no chão, rolou para lá e pra cá, olhava curioso com aquele elemento.

Escapando do que pensamos naquele momento ele experimentou múltiplas linhas de fuga que lhe proporcionaram várias descobertas, experiências motoras e sensoriais. Processos aprendentes e inventivos foram sendo ampliados a partir do desejo e curiosidade daquele bebê em busca pelo desenho de um novo território aprendente.

Os desejos dos bebês ilustram a importância de um ambiente educativo que permita que possam explorar, criar mapas, ritornelos próprios e serem livres para a des-re-territorialização de diferentes espaços e contextos aprendentes de si e do mundo.

Como diz Deleuze (1985, p. 259-260), “No momento em que o senhor, o colonizador, proclama “nunca houve povo aqui”, o povo que falta é um devir, ele se inventa, nas favelas, e nos campos guetos, com novas condições de luta, para as quais uma arte necessariamente política tem de contribuir”, assim também ocorre com os bebês, que não são um povo que falta, mas sim uma “multidão” que se inventa em devir.

Uma multidão que se expressa através de múltiplas linguagens e a partir das escolhas teórico-metodológicas de docentes têm a oportunidade de ampliar suas subjetividades e experiências linguageiras. E o corpo-bebê o tempo todo se comunicando através das novas descobertas.

Figura 6: Movimentos linguageiros



Fonte: Elaboração própria

Seja no momento da leitura, cambalhotas, arrastando objetos ou a partir do processo de introdução alimentar, seus desejos e enunciações vão ficando cada vez mais evidentes. Os bebês “[...]” tomam sensações, percepções, ações, cognições, estados internos de motivação e estados de consciência e os experienciam diretamente em termos de intensidades, formas, padrões temporais, afetos de vitalidade, afetos categóricos e tons hedônicos” (Stern, 1992, p.57-58). Tons que tornam esses processos languageiros únicos e expressivos como uma verdadeira obra de arte.

Arte que nos inspira a valorizar e apostar nos múltiplos caminhos que as crianças percorrem, reafirmando a importância de um ambiente pedagógico teórico-metodologicamente pensado para a promoção de experiências livres, investigativas e fabuladoras de novos territórios de aprendizagem. Assim como Deleuze e Guattari (1992, p. 218), acreditamos que:

É verdade que toda a obra de arte é um *monumento*, mas o monumento não é aqui o que comemora um passado, é um bloco de sensações presentes que só devem a si mesmas sua própria conservação, e dão ao acontecimento o composto que o celebra. O ato do monumento não é a memória, mas a fabulação. Não se escreve com lembranças de infância, mas por blocos de infância, que são devires-criança do presente.

A exploração e o desenvolvimento da linguagem pelos bebês se dá através de múltiplas formas, que vão além da fala. O que fica evidente a partir das análises das vivências e experiências no ambiente educativo, suas ações enquanto expressões autônomas e fabulações singulares, marcadas por movimentos languageiros únicos que utilizam o corpo, olhar, toque, gestos. Exploram diferentes materiais e criam seus próprios ritmos e movimentos, a fim de construírem seus próprios territórios e expressar suas subjetividades.

Cada movimento, gesto, exploração configura uma forma de linguagem que contribui para a ampliação do repertório e da compreensão do mundo pelos bebês. Assim como Deleuze e Guattari (1997) destacam, a arte de viver e aprender se manifesta no presente, na intensidade do momento, no plano de imanência e não se limita à memória ou à repetição. E sim, são blocos de experiências e afetos vividos e experienciados em diferentes momentos e contextos.

Essa força imanente reafirma a necessidade de um ambiente pedagógico planejado pelo docente, que reconheça e promova experiências livres e investigativas, em que o corpo e a expressão sejam valorizados como centrais no processo educativo, visto como formas de linguagens e de expressão do pensamento infantil. O que torna a docência um ato político e estético, que evidencia e valoriza os devires-criança como monumentos vivos de criação, fabulação e de transformação.

Considerações processuais do corpo-criança em devir e as múltiplas linguagens

Os atravessamentos vividos no percurso desta cartografia de pesquisa, proporcionaram um mergulho no universo das múltiplas linguagens e do corpo-criança. Inspirados pelas linhas errantes de Deleuze e Guattari (2011), acompanhamos a força imanente que pulsa na infância, subvertendo a ordem estabelecida e revelando um constante devir.

Importa destacar a relevância das crianças nos processos de criação, invenção e de exploração, ao construir seus próprios mapas de intensidade, expressando-se através de gestos, movimentos, cores, ritmos e texturas. Fazendo transbordar a arte, como forma de linguagem, sensações, fissuras e expressões do corpo-pensamento-criança, trazendo os signos artísticos como elementos tradutores de sentimentos, descobertas e singularidade de cada ser.

Despertando a sensibilidade, criatividade e respeito ao meio ambiente, durante a exposição fotográfica “Natureza crianceira”, as crianças compuseram com o natural, ao “colocar o coração no ritmo da terra”, como sugere Krenak, fabulando mundos ancestrais, através do brincar livre, investigativo e espontâneo, engendrando fluxos vividos na infância e no contato com a natureza.

O contar das experiências vivenciadas nos cotidianos dos Centros de Educação Infantil mobiliza o pensar sobre esses espaços, que necessita de ambientes pedagogicamente planejados e de docências que estimulem a exploração, criação, imaginação, inventividade e a liberdade das crianças. Instalações, espaços, materiais e propostas que conduzam as crianças a territorialização e desterritorialização desses espaços, rompendo com a completude proposta em modelos fixos e linhas costumeiras, mas construindo novos possíveis para as experiências.

Os movimentos exploratórios dos bebês, dão a ver e a conhecer um corpo curioso que se comunica e constrói seus próprios ritornelos e relações com o mundo. Sua força imanente é percebida em cada gesto, careta, balbucio, choros e demais enunciações. Em blocos de sensações que impulsionam seus desejos, afetos, sensações e experiências.

Eis que os bebês rompem com a lógica discursiva hegemônica de que a linguagem está apenas ligada à fala. E contribuem, assim como Stern, a ampliar essa concepção para as múltiplas linguagens que atravessam o corpo-bebê, através de seus movimentos, explorações e interações, com pessoas, objetos e com o espaço.

Pensar o que mobiliza a escola e o fazer docente, fica evidente após essas linhas errantes cartografadas, vivenciadas em ambos os cotidianos, reafirmando a influência e importância de vivências e experiências pedagógicas, em que o corpo-criança seja livre para criação, fabulação e transformação. Sobretudo, o impulso das múltiplas linguagens como fios condutores que tecem e atravessam a singularidade de cada criança, deixando surgir a beleza, a agitação curiosa e a complexidade da infância.

Avançar nessas discussões é fundamental para que esta cartografia sirva como inspiração para educadores, pais e para sociedade como um todo a fim de reconhecer e valorizar a força imanente da infância, garantindo que as crianças e bebês possam ter espaços de liberdade, respeito e de escuta, nos quais as múltiplas linguagens do corpo-criança possam expressar sensações, pensamentos e vibrar com toda a sua força e fluxos de intensidades existenciais.

Referências

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. Trad. S. Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia vol. 1. Trad. A. L. Oliveira, A. Guerra Neto e C. Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2000.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. B. Prado Jr. e A. A. Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Trad. P. Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2.ed. Trad. A. Piquet e R. Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- GOMES, Larissa Ferreira Rodrigues; PEREIRA, Elaine Ferreira Wetler; CARVALHO, Bianca Pereira. O coração da criança pode bater no ritmo da terra na escola? por uma cidadania planetária desde a educação infantil. **Debates Insubmissos**, [S. l.], v. 6, n. 23, p. 129-160, 2024. DOI: 10.32359/debin2023.v6.n23.p129-160. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/debatesinsubmissos/article/view/259939>. Acesso em: 11 dez. 2024.

GOMES, Larissa Ferreira Rodrigues, PASSOS, Tatiana de Oliveira, FEITOSA, Maria Izabel. Registros avaliativos na educação infantil: brincar com a natureza. grupo 3 matutino. **Criarte/UFES**, 2022. Disponível em: https://criarte.ufes.br/sites/criarte.ufes.br/files/field/anexo/registros_avaliativos_na_educacao_infantil_brincar_com_a_natureza_compressed_1.pdf. Acesso em: 11 dez. 2024.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

STERN, Daniel. **O mundo interpessoal do bebê**. Porto Alegre: Artes Médicas Editora, 1992.

TEBET, Gabriela; ABRAMOWICZ, Anete. Afinal, o que querem os bebês? **Debates em Educação**, [S. l.], v. 13, n. 33, p. 377–390, 2021. DOI: 10.28998/2175-6600.2021v13n33p377-390. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/12671>. Acesso em: 28 dez. 2024.

Sobre as autoras

Bianca Pereira Carvalho: mestrandona em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente é professora de Educação Infantil, na Prefeitura Municipal de Vitória/ES e professora de Tecnologias Educacionais, na Prefeitura Municipal de Vila Velha/ES.

E-mail: biancapecarvalho@gmail.com

Larissa Ferreira Rodrigues Gomes: doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atualmente é professora da Educação Básica Técnica e Tecnológica na UFES, no Centro de Educação Infantil CRIARTE e professora do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE/UFES).

E-mail: larissa.rodrigues@ufes.br

Recebido em: 08 de janeiro de 2025

Aprovado em: 23 de março de 2025